

3º PRÊMIO SECAP DE LOTÉRIAS

Concurso de Monografias

2019

MENÇÃO HONROSA 2

**Rastreamento do Transtorno do Jogo:
um panorama sobre os apostadores
esportivos brasileiros**

Autor:
Allison Silva dos Santos

Realização



Idealização

SECRETARIA DE
AVALIAÇÃO, PLANEJAMENTO,
ENERGIA E LOTERIA

SECRETARIA ESPECIAL DE
FAZENDA

MINISTÉRIO DA
ECONOMIA

Apoio



Patrocínio



FUNDAÇÃO ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

3º PRÊMIO SECAP DE LOTERIAS - 2019

TEMA: A REGULAÇÃO DE LOTERIAS NO BRASIL E ASPECTOS DE RESPONSABILIDADE SOCIAL CORPORATIVA DAS LOTERIAS: Incentivo à pesquisas estruturadas acerca de transtornos de jogos e apostas.

TÍTULO: RASTREAMENTO DO TRANSTORNO DO JOGO:

Um panorama sobre os apostadores esportivos brasileiros

NOVEMBRO/2019

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa científica quantitativa transversal, de caráter observacional descritivo a respeito da prevalência do provável diagnóstico de transtorno do jogo nos apostadores esportivos brasileiros. Foi aplicado, em uma amostra de 182 apostadores esportivos, durante o período de 27 dias, por meio de questionário *online*, contendo 28 perguntas de múltipla escolha construído a partir da escala *South Oaks Gambling Screem* – SOGS, adaptada à população brasileira (OLIVEIRA, 2006) e readaptado agora para apostadores esportivos, em todo território nacional. Desta forma, 57,1% foi a prevalência encontrada de prováveis apostadores com transtorno do jogo entre os apostadores esportivos, média maior que os 44,3% da literatura para apostadores em esportes. Os apostadores sociais foram 25,2% e apostadores problema 17,5% da amostra. A maior parte dos apostadores esportivos é do sexo masculino, idade média 28,4 anos, ativos no mercado de trabalho e com ensino superior completo ou cursando. A maioria dos participantes são apostadores aprendizes e recreativos, não foi possível diferenciar um apostador recreativo de um profissional quanto à prevalência de transtorno do jogo.

Palavras-chave: Transtorno do Jogo no Brasil, Jogo patológico no Brasil, Apostas esportivas Brasil.

ABSTRACT

This study is a cross-sectional quantitative scientific research of descriptive observational character regarding the prevalence of the probable diagnosis of gambling disorder in Brazilian sports bettors. Over a 27 day period, a sample of 182 sports bettors were given a questionnaire. The questionnaire contained 28 multiple choice questions constructed from the South Oaks Gambling Screen Scale – SOGS, adapted for the Brazilian population (OLIVEIRA, 2006) and then readapted for sports bettors throughout the national territory. The prevalence of probable sports bettors with gambling disorder was 57.1%, an average higher than the 44.3% of the literature for bettors in sports. Social bettors were 25.2% and problem bettors 17.5%. The vast majority of sports bettors are male with an average age 28,4 years, active in the labor market and have either completed some form of higher education or are still in the process of completing. Most participants were apprentice and recreational bettors. It was not possible to differentiate a recreational bettor from a professional regarding the prevalence of gambling disorder.

Keywords: Game Disorder in Brazil, Pathological Game in Brazil, Sports Betting Brazil.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
3 METODOLOGIA	16
4 RESULTADOS DISCUSSÕES	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	44
ANEXO.....	55

1 INTRODUÇÃO

As modalidades de eventos as quais se consegue apostar atualmente são praticamente infinitas. É possível jogar online ou em locais físicos, apostando no vencedor do Oscar, *e-sports*, Miss Universo e em todos os esportes conhecidos, desde futebol à corrida de galgos, em diversos tipos de jogos com cartas e loterias. Em todas as modalidades há o risco do apostador desenvolver transtorno do jogo.

Este trabalho busca mostrar a prevalência do transtorno do jogo nos apostadores esportivos brasileiros, considerando a crescente popularização deste tipo de aposta e em função do processo de regulamentação deste mercado em nosso país, por meio da MP 846/18 (BRASIL, 2018).

Tendo em vista a necessidade de compreender e antecipar um fenômeno que pode acometer a população em pouco tempo, tomando, por exemplo, países onde ocorreram a legalização das apostas e, em seguida, houve o aumento expressivo no número de indivíduos com transtorno do jogo, assim, faz-se necessário investigar como se apresenta o apostador esportivo brasileiro na sua relação com as apostas, já que existe o risco de efeitos nocivos à vida do indivíduo.

Não há estudo semelhante no Brasil sobre este grupo específico de apostadores, mesmo o transtorno do jogo (jogo patológico) estando incluso no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) desde sua terceira edição, há mais de 30 anos (OLIVEIRA, 2006), em nosso país o tema é pouco estudado. Portanto, a presente pesquisa quantitativa transversal de caráter exploratório observacional pretende iniciar tal discussão, mostrando a prevalência de provável transtorno do jogo nos apostadores esportivos brasileiros, seu perfil e características referentes aos hábitos de apostar.

Iniciaremos com as definições de transtorno do jogo e dos tipos de apostadores esportivos, diagnóstico, prevalência e consequências desse transtorno na vida do apostador. A metodologia com as questões da *South Oaks Gambling Screem* - SOGS (LESIEUR, BLUME, 1987), validada no Brasil por Oliveira (2006) (Anexo A), adaptadas ao público apostador esportivo, e seus resultados neste estudo, nos apontam para um provável cenário preocupante, este que será apresentado no decorrer do trabalho, bem como por meio das tabelas com os resultados cruzados, que encontram-se nos apêndices.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais em sua quinta edição – DSM 5 (2014, p. 629) o transtorno do jogo é determinado como um “comportamento de jogo problemático persistente e recorrente, levando a sofrimento ou comprometimento clinicamente significativo”, o diagnóstico é confirmado com respostas positivas para quatro, ou mais, dos nove comportamentos possíveis presentes nos critérios diagnósticos do manual supracitado. A Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (OMS CID-10, 2008) sob o código F63.0, considera o transtorno do jogo (jogo patológico) como um transtorno de hábitos e impulsos, que consiste de frequentes e repetidos episódios de jogo, os quais dominam a vida do indivíduo em detrimento de valores e compromissos sociais, ocupacionais, materiais e familiares.

Shaffer, Freed e Healea (2002) propuseram quatro níveis dos comportamentos de jogar, o nível um, representa os indivíduos que não jogam ou que jogam sem experimentar nenhuma consequência adversa, ou seja, não são

jogadores “problemáticos”; o nível dois representa os jogadores em transição, seja para o nível um, ou em risco de avançar em direção ao nível três, por enfrentarem algum efeito nocivo pelo comportamento de apostar; os apostadores do nível três são aqueles que satisfazem os critérios diagnósticos para jogo patológico de acordo com o DSM-IV e/ou os critérios definidos pela Associação Americana de Psiquiatria (APA, 1994); e por fim, os do nível quatro, que são aqueles que se encaixam nos critérios do nível três, mas que buscam tratamento.

Para melhor compreensão dos objetos, objetivos e resultados deste trabalho, precisamos definir alguns termos e modalidades de apostas e apostadores. O primeiro, temos o jogador recreativo, que segundo Cesar (2016), é a maioria dentro do universo das apostas esportivas, seu interesse é se divertir, tentar ganhar dinheiro, mas suas apostas não são baseadas em um método profissional ou rigor de análise, não utiliza gestão de banca ou planejamento para apostar, o faz pela emoção e possibilidade de ganhos. A gestão de banca, ou gestão de capital, é o que fará com que um jogador tenha vida longa nas apostas esportivas, geralmente os apostadores dividem seu capital em pequenas unidades (*Stakes*) que podem variar de 1 a 5% do total do capital/banca por aposta (dependendo de cada apostador), para que dessa forma possa evitar que percam todo seu dinheiro em uma única aposta, a maioria das vezes em que um apostador perde todo seu dinheiro é por ter negligenciado a gestão de banca (BORGES, 2019).

O segundo tipo trata-se dos apostadores já profissionais, ou que desejam se profissionalizar, esse grupo se distingue do recreativo por encarar as apostas esportivas como uma possibilidade de ter uma renda extra ou mesmo viver dessa forma de trabalho, com isso, atuam com metodologia de trabalho, rigor, seriedade e estudo, ou seja, não se trata de diversão, mas encontrar e extrair lucros nesse

universo de possibilidades de atuação, para que isso ocorra, aplicam os conceitos de gestão de banca, busca de valor nas apostas, procura por informações privilegiadas, dedicação, consistência de resultados e lucratividade a longo prazo, (CESAR, 2016; PEREIRA, 2017).

Outro ponto bastante relevante que diferencia um apostador recreativo do profissional é sua forma de lidar com as apostas perdidas, enquanto o apostador amador busca recuperar o que perdeu com novas apostas, o profissional busca “aceitar o *red*” (aposta perdida), (PEREIRA, 2018), “*red* não se recupera”, (BAMPI [NETTUNO], 2018). Interessante que, tanto os critérios do DSM-5, quanto os estudos de Medeiros *et. al.* (2016), apontam para a tentativa ou desejo de recuperar rapidamente as perdas das apostas como um fator de risco ao transtorno do jogo. Outro importante fato é que, de todo o vasto número de jogadores existentes nas apostas esportivas, 97% não são lucrativos (PEREIRA, 2019).

Os jogadores no universo das apostas esportivas, tanto recreativos quanto profissionais, podem atuar como *traders* e *punters*. O *trade* esportivo, de acordo com Bampi [Nettuno] (2018), é a troca (compra e venda) de probabilidades entre dois usuários (*traders*/apostadores), essa é a grande diferença entre fazer *trade* e fazer uma aposta *punter*, o *trade* não é contra uma casa de apostas, é contra outros *traders* em uma plataforma *online* (*Exchange*), nessa modalidade muitas vezes o resultado final de um evento não importa, pois ele pode ganhar dinheiro em acontecimentos e variações de probabilidades ao longo das partidas, a semelhança com uma aposta é o fato de envolver uma transação monetária que existe a possibilidade de perda do capital investido.

O *punter*, apostador profissional, trabalha com precificação dos eventos e na busca de valor e/ou em erros nas probabilidades das casas de apostas para fazer

seus investimentos, na maioria das vezes não encerra, faz proteções ou aumenta sua aposta no meio de um jogo/partida, esperando até o seu resultado final, ao contrário do *trader* que entrará e sairá do mercado várias vezes se necessário, ambos são completamente diferentes do apostador recreativo que escolhe um jogo, faz sua aposta e torce para que resultado escolhido aconteça (PEREIRA, 2018).

Feito os esclarecimentos necessários, torna-se fundamental conhecer como se apresenta o cenário nacional referente ao transtorno do jogo. De modo que, atualmente no Brasil, não há conhecimento de um teste capaz de diagnosticar o transtorno do jogo. O diagnóstico é feito primeiramente com base nas respostas do jogador a um questionário como o *South Oaks Gambling Screen (SOGS)*, o *National Opinion Research Center Screen for Gambling Problems (NODS)* e a *Canadian Problem Gambling Index (CGPI)*, que são ferramentas de triagem, o que significa que não são definitivos para a determinação do diagnóstico do transtorno do jogo (WEINSTOCK *et al*, 2008). Posteriormente ao resultado da ferramenta de rastreio, é realizada uma entrevista clínica e o resultado é confirmado por meio do resultado da aplicação dos seguintes critérios do DSM-V:

Comportamento de jogo problemático persistente e recorrente levando a sofrimento ou comprometimento clinicamente significativo, conforme indicado pela apresentação de quatro (ou mais) dos seguintes em um período de 12 meses:

1. Necessidade de apostar quantias de dinheiro cada vez maiores a fim de atingir a excitação desejada.
2. Inquietude ou irritabilidade quando tenta reduzir ou interromper o hábito de jogar.
3. Fez esforços repetidos e malsucedidos no sentido de controlar, reduzir ou interromper o hábito de jogar.
4. Preocupação frequente com o jogo (p. ex., apresenta pensamentos persistentes sobre experiências de jogo passadas, avalia possibilidades ou planeja a próxima quantia a ser apostada, pensa em modos de obter dinheiro para jogar).
5. Frequentemente joga quando se sente angustiado (p. ex., sentimentos de impotência, culpa, ansiedade, depressão).
6. Após perder dinheiro no jogo, frequentemente volta outro dia para ficar quite (“recuperar o prejuízo”).
7. Mentiu para esconder a extensão de seu envolvimento com o jogo.
8. Prejudicou ou perdeu um relacionamento significativo, o emprego ou uma oportunidade educacional ou profissional em razão do jogo.

9. Depende de outras pessoas para obter dinheiro a fim de saldar situações financeiras desesperadoras causadas pelo jogo.
O comportamento de jogo não é mais bem explicado por um episódio maniaco. (APA, 2014, p. 585).

O transtorno do jogo está associado a uma comorbidade de sintomas e transtornos mentais graves e moderados como o transtorno de humor, o transtorno de ansiedade, disfunções sociais, tentativas recorrentes de suicídio e o consumo de drogas lícitas e ilícitas. Castro (2013) citando Black e Moyer (1998, como citado em Oamis, 2007) ao investigar a existência de comorbidades em jogadores patológicos, concluíram que, dos entrevistados em seu estudo, 43% apresentaram outros tipos de comportamentos compulsivos como: sexo, compras compulsivas e distúrbios explosivos intermitentes. Muitos autores discutem a relação da depressão com os problemas relacionados ao jogo, como funciona essa relação, se é o transtorno do jogo que leva à depressão, devido aos seus efeitos negativos (perdas de altas quantias em dinheiro, problemas nos relacionamentos ou estresse), ou se é a depressão que leva o indivíduo a jogar compulsivamente para preenchimento de um vazio interno, existencial. Todos esses aspectos são carentes de respostas específicas para a população brasileira.

No cenário nacional atual, sofremos com a escassez de trabalhos acadêmicos, pesquisas, métodos investigativos, diagnósticos e intervenções clínicas sobre transtorno do jogo, prevenção a agravos decorrentes das apostas e promoção do jogo responsável. Em parte, tal ausência é compreensível principalmente em relação às apostas esportivas, devido ao recente crescimento dessa modalidade no país. Outra provável causa da falta de pesquisas e trabalhos acadêmicos sobre o tema é devido a questões culturais, pois não há o hábito de agirmos preventivamente, isso se evidencia quando analisamos as teses de mestrados, doutorados e de conclusão de cursos existentes que, em sua maioria, abordam o

tema depois que o apostador já está em fases avançadas do transtorno do jogo, como a pesquisa realizada por Medeiros *et. al.* (2016), que fizeram um estudo transcultural sobre desordens provocadas pelo transtorno, comparando grupos de mulheres do Brasil e dos Estados Unidos, ou os efeitos do transtorno do jogo na saúde do indivíduo, como o trabalho realizado por Krähenbühl *et. al.* (2014), que aborda um estudo de caso de infarto do miocárdio em um jogador diagnosticado com transtorno do jogo, tais estudos preventivos, e até mesmo sobre o transtorno do jogo em estágios avançados, ficam ainda mais raros quando restringimos as buscas à área da psicologia.

Outra dificuldade encontrada ao abordarmos o tema, é a questão dos números relacionados à quantidade de apostadores, ou sua porcentagem real entre os que têm, ou podem desenvolver, algum problema decorrente do jogo, não conhecemos as modalidades desses jogadores, sejam recreativos, profissionais, excessivos ou viciados; ou mesmo qual a forma utilizada para apostar, se é online, em casas físicas como loterias federais, bancas de jogo do bicho (ilegal), bingos ou nas diversas “maquininhas” (ilegais) espalhadas principalmente por todo interior das regiões norte e nordeste do Brasil, (PARANHOS, 2017).

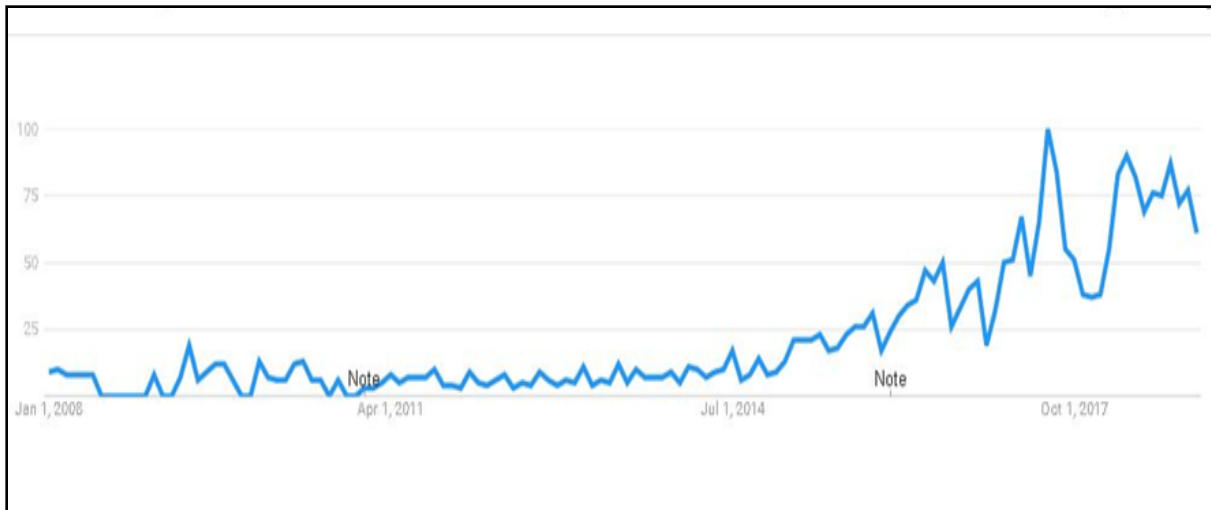
Observamos uma discrepância nos poucos números encontrados, Krähenbühl *et. al.* (2014, p. 207) afirmam que “no Brasil, alguns estudos apontam que 12% da população aposta regularmente (pelo menos uma vez por mês), sendo que 1% preenche critérios segundo o DSM-5”. Já de acordo com Tavares *et. al.* (2010) “[...] 2,3% dos brasileiros são jogadores, sendo que desses, 1% são jogadores patológicos”. A falta de conhecimento quantitativo e qualitativo sobre os apostadores e os efeitos do transtorno do jogo frente à regulamentação das apostas esportivas em curso no país é preocupante, pois não conhecemos os impactos desse problema

na realidade brasileira e nem conseguimos estimar o tamanho das complicações que estão por vir. Mesmo com os poucos dados disponíveis no Brasil, Krähenbühl *et. al.* (2014, p. 207) definem o transtorno do jogo como “o comportamento de abuso/dependência mais comum em nosso país, depois do tabaco e do álcool”.

Tavares *et. al.* (2010) realizaram o único estudo epidemiológico sobre transtorno do jogo no Brasil, apresentando que quatro milhões de brasileiros podem ter uma relação patológica com o jogo, em números estimados levantados em todo território nacional. É interessante ressaltar que, na época do estudo, as apostas esportivas no país ainda não tinham se popularizado e nem havia a quantidade de propagandas na televisão e mídias sociais sobre o tema.

Sendo assim, é possível inferir que desde então, a procura por *sites* ou informações sobre apostas esportivas tenham crescido de forma exponencial, isso fica fácil de constatado quando realizamos uma busca simples utilizando a ferramenta *Google Trends* com o tema de busca “apostas esportivas” em uma margem temporal de dez anos (2008 a 2018), (figura 1), onde se percebe um crescimento vertiginoso nas buscas *online*, com um pico máximo no ano de 2017. E desde o último estudo mencionado de Tavares *et. al.* (2010), não possuímos novas informações de como está a qualidade ou relação do brasileiro com o jogo, nem mesmo com as apostas esportivas.

Figura 1 - Crescimento das buscas no Google sobre apostas esportivas no Brasil no período de 2008 a 2018.



Fonte: trends.google.com (2019)

Em outros países onde as apostas esportivas foram legalizadas, como na Austrália e Nova Zelândia, observou-se um aumento na prevalência do transtorno do jogo. Nos Estados Unidos fora verificado que os grupos mais afetados por esse transtorno são os dependentes de drogas e população encarcerada, seguido dos adolescentes e universitários (OLIVEIRA; SILVEIRA; SILVA, 2008). Esses dados são opostos aos que temos no Brasil a respeito dos jogadores patológicos que buscam tratamento, pois 37% dos apostadores patológicos tem idade entre 40 e 49 anos, encaixados no grupo de adultos com trabalho regular (MAZZOLENI, 2006).

Com tais dados quanto ao transtorno do jogo, fica o questionamento: como uma pessoa desenvolve tal patologia? Muitos autores atribuem o desenvolvimento do jogo patológico a diversos fatores, Hubert (2014) realizou um estudo probabilístico detalhado, *online* e *off-line*, em Portugal sobre o desenvolvimento desta doença, o autor supracitado descobriu em seus estudos que algumas variáveis podem facilitar o aparecimento do jogo patológico, dentre eles, gênero – os homens têm 70% de probabilidade de passar de apostador recreativo para

patológico –, a relação conjugal – os indivíduos em relacionamentos estáveis tem menos probabilidade de se tornarem viciados em apostas –, o modo de jogar – os jogadores *off-line* tem mais facilidade de desenvolver problemas com apostas –, as horas por dia gastas com jogo – a cada hora gasta apostando aumenta em 7.5% a probabilidade de se tornar apostador com transtorno do jogo.

Há também a questão da saúde emocional de cada indivíduo apostador, “a probabilidade de passar de jogador recreativo a jogador patológico é maior nos jogadores com ideação suicida em 72.1%, e em 51.8% no caso dos jogadores abusivos” (HUBERT, 2014, p. 144). A questão do afeto familiar e social pode também ser um gatilho para o início do jogo e o desenvolvimento do transtorno do jogo, nos idosos, por exemplo, a falta de convívio social, luto pela morte de familiar, solidão, reclusão, doenças e a aposentadoria, são apontados como motivos importantes para começarem a jogar (CASTRO, 2013).

De acordo com Castro (2013, p.10) “o intervalo de tempo previsto entre começar a jogar e perder o controle sobre o jogo é de 1 a 20 anos, sendo 5 a média comum de anos”. Segunda a referida autora, o apostador passa por três fases comportamentais de apostar, a primeira é a fase das vitórias, o jogo funciona como recreação, e ele se considera habilidoso e autossuficiente nas apostas pelo fato de estar ganhando; a segunda é a fase da perda, que começa a ameaçar a autoestima do apostador, que passa a ter um otimismo irracional e o jogo preenche uma grande parte de seu tempo; a terceira é a fase do desespero, aqui o jogo é uma obsessão, ocorre afastamento dos amigos, dos familiares e se torna algo negativo na vida do jogador.

Não há pesquisas que comprovem uma variável genética para o desenvolvimento do transtorno do jogo, mas, devido a estudos em outros países,

podemos perceber que existem fatores de risco para o seu aparecimento, como os mencionados anteriormente. O apostador viciado que não busca tratamento, ou não reconhece que tem problemas com o jogo, possui diversas áreas em sua vida que são afetadas negativamente, com consequências nas instâncias pessoais, profissionais, sociais e familiares.

Na vida pessoal do apostador com transtorno do jogo, a insatisfação consigo mesmo é uma marca recorrente, pois, na maioria das vezes, quando se joga descontroladamente, busca-se tal satisfação e torna-se um meio de esquecer os problemas (CASTRO, 2013). A desilusão provocada pela esperança em recuperar tudo que perdeu (*chasing*) esbarrar na realidade de continuar perdendo continuamente e afundando cada vez mais, juntamente com a fissura, que é semelhante ao do uso de substâncias psicoativas, quando fica sem jogar (*craving*), são devastadores para a saúde emocional desse indivíduo, levando a quadros depressivos, baixo autoestima, tentativas de suicídio, transtornos de ansiedade, comportamentos antissociais ou violentos e vícios em álcool e outras drogas (OLIVEIRA; SILVEIRA; SILVA, 2008 e MEDEIROS *et. al.* 2015).

A família é o grupo mais próximo ao jogador patológico que primeiro percebe e sente os problemas provocados pelo jogo. As dificuldades financeiras, empréstimos para saldar dívidas com o jogo e a falta de dinheiro para suprir necessidades básicas, são alguns dos primeiros problemas causados pelo jogo no ambiente familiar, seguido de problemas no relacionamento e de papéis na relação, pois muitos familiares acabam por assumir a responsabilidade pelo núcleo familiar e pelo jogador; a saúde emocional dos familiares, principalmente os que sofrem e lidam diretamente com o jogador patológico, como companheiros e filhos, também é

afetada; além de problemas legais como o cometimento de crimes, como forma de conseguir dinheiro para apostar (MAZZOLENI, 2006).

Em relação ao trabalho e emprego, de acordo com Oliveira, Silveira e Silva (2008), cerca de 30% dos jogadores com transtorno do jogo que frequentavam um grupo de Jogadores Anônimos (JA) perderam o emprego, 24% entre os homens e 8% das mulheres foram à falência, além de cometerem atividades ilegais para manutenção do vício, como empréstimos fraudulentos, falsificação de assinaturas, cheques falsificados e furto de dinheiro do trabalho.

Tais fatores apontam para a necessidade de estudos detalhados sobre o tema, principalmente na realidade brasileira. Tanto no intuito de promover qualidade de vida aos jogadores com transtorno do jogo, quanto alertar aos demais apostadores dos riscos envolvidos em tal atividade, promovendo assim o jogo responsável.

3 METODOLOGIA

O presente estudo é uma pesquisa quantitativa transversal, de caráter observacional descritivo entre grupos de apostadores esportivos em relação à prevalência do risco de transtorno do jogo. Foi aplicado, um questionário *online* adaptado para o público das apostas esportivas a partir da escala de rastreio de jogo patológico SOGS (*South Oaks Gambling Screen*), adaptada e validada no Brasil por Oliveira (2006) (Anexo A). Esta pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética do Centro Universitário *****, sob o parecer substanciado do Conselho Estadual de Psicologia - CEP, número 3.597.884 e CAAE: 21348719.8.0000.5084.

As perguntas que identificam um jogador com transtorno do jogo foram digitadas ao questionário sócio demográfico, construído na plataforma *google forms*, que gerou um *link* com o título “Rastreamento de transtorno do jogo nos apostadores esportivos brasileiros” (Apêndice B), que foi disponibilizado nas redes sociais para ser respondido de forma espontânea por apostadores esportivos.

Tabela 1 - Grupos em que o questionário foi postado e quantidade de membros que são possíveis apostadores esportivos.

Rede social	Nome do grupo de apostadores	Nº de membros
<i>Whatsapp</i>	Diversos grupos de apostadores	550
<i>Telegram</i>	Dicas de apostador comunidade #1	1.500
	Discussão sobre palpites de futebol	1.538
	Tips tio Mika	4.171
<i>Facebook</i>	Comunidade brasileira do trade esportivo	23.777
	Apostas desportivas <i>on line</i> escanteios gols betfair bet365	305
	Apostas Brasil	3.600
	Academia das Apostas Brasil	7.861
	Apostas 188bet, Betfair & Bet365 Brasil	34.579
	Bet365 Brasil	10.570
	APOSTAS ESPORTIVAS	356
	Apostas Esportivas Brasil	5.854
	<i>Trader</i> Esportivo Aprendiz -- Networking - Dúvidas - <i>Tips</i>	11.307
	Grupo das Apostas!	10.301
	Apostas Esportivas Brasil	49.773
	PAI DAS APOSTAS	3.254
	TRADER ESPORTIVO EM GALGOS	1.168
	Sergio Freitas	5.300
Total		175.758

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

O endereço eletrônico para participação nesta pesquisa ficou disponível do dia 25/09/2019 até 21/10/ 2019. Após este período, foi feito um primeiro corte para análise dos dados, ao final, 187 apostadores responderam ao questionário, dos quais, 2 foram eliminados por não informarem um *e-mail* válido e outros 3, também excluídos, por não se declararem apostadores esportivos, totalizando 182 respostas válidas.

Os critérios de inclusão foram: possuir um *e-mail* válido, marcar no local indicado no questionário a aceitação ao termo de participação livre e esclarecido (Apêndice 13), ser apostador esportivo e ser brasileiro. Os critérios de exclusão foram os seguintes: não possuir um *e-mail*, não marcar no local indicado no questionário *online* à aceitação ao termo de participação livre e esclarecido, não ser apostador esportivo e ser estrangeiro.

A escala SOGS (*South Oaks Gambling Screen*) fora adaptada para o português (Oliveira, 2006) e readaptada para essa pesquisa, voltada para as apostas esportivas, contendo 28 questões de múltipla escolha. É importante ressaltar que a presente adaptação proposta não altera as questões utilizadas para identificar um provável jogador patológico, modificaram-se apenas a linguagem das perguntas e as questões sócio demográficas, restringindo ao público das apostas esportivas, substituindo alguns termos genéricos como “jogo” por “aposta”, para tentar rastrear a prevalência e as consequências do hábito de jogar na vida pessoal, familiar, social e saúde emocional do apostador esportivo.

As questões e suas alterações que identificam um possível jogador patológico dentro do questionário são (Apêndice B): “Quando você perde dinheiro no jogo (nas apostas/*trade*), frequentemente você volta outro dia para recuperar suas perdas?”; “Alguma vez você já alegou estar ganhando dinheiro jogando (apostando/fazendo

trade), mas na verdade você estava perdendo?"; "Você sente que já teve alguma vez problema com jogo (apostas/*trade*)?"; "Você alguma vez jogou (apostou/fez *trade*) mais do que planejou?"; "Pessoas já criticaram o fato de você jogar (apostar/fazer *trade*)?"; "Você já se sentiu culpado pela maneira como joga (aposta/faz *trade*) ou pelo o que acontece com você quando joga (aposta/faz *trade*)?"; "Você já sentiu que gostaria de parar de jogar (apostar/fazer *trade*), mas pensou que não conseguiria fazê-lo?"; "Você alguma vez já escondeu papéis de apostas/*trade*, tickets de loteria, dinheiro de jogo (aposta/*trade*) ou outro sinal de jogo (aposta/*trade*) de sua/seu companheira (o), filhos ou outras pessoas importantes na sua vida?".

A pergunta "Você já discutiu com pessoas com quem você mora por causa da maneira como você lida com dinheiro e alguma vez a discussão sobre dinheiro estava centrada no seu hábito de jogar (apostar/fazer *trade*)?" foi redigida e separada da seguinte forma para evitar ter duas perguntas em uma: "Você já discutiu/brigou com pessoas com quem mora, por causa do dinheiro usado no seu hábito de apostar/fazer *trade*?" e "Alguma vez você pediu dinheiro emprestado e não pagou por causa do jogo (aposta/*trade*)?"; "Você alguma vez já perdeu tempo de trabalho (ou escola/faculdade) por causa do jogo (aposta/*trade*)?".

Foi inserida a pergunta "Você já pediu dinheiro emprestado para apostar/fazer *trade* ou para pagar dívidas de apostas/*trade*?", ao clicar em "sim" abrem-se as opções que se seguem: "de dinheiro reservado para as despesas da casa"; "de sua esposa/marido/companheiro (a)"; "de outros parentes"; "de bancos, companhias de empréstimo ou crédito"; "de cartões de crédito"; "de agiotas"; "você vendeu ações, obrigações ou outros papéis"; "você vendeu propriedades pessoais ou familiares"; e "você passou cheques descobertos ou sem fundos".

As adaptações mais notáveis são sobre as questões sócio demográficas, perguntas sobre a frequência, tipo, auto percepção, estrutura e forma de apresentar as perguntas e respostas, religião, e o local usado para apostar, nessas categorias ficaram as questões referentes à idade, sexo, estado civil, escolaridade e perguntas tais como: “Qual é, aproximadamente, sua renda familiar?”, “Há quanto tempo sou apostador (a) /*trade*?”, “Você se considera um apostador/*trade*?”, “Quantas apostas você faz por semana?”, “Qual o maior valor que você já apostou em uma única aposta?”, “Qual tipo de aposta/*trade* você faz mais frequentemente?”, “Utiliza gestão de banca ou gestão de capital?”, “Qual a forma mais usada por você para fazer suas apostas/*trade*?”, “Qual sua situação atual no mercado de trabalho?”, “Você gostaria de viver apenas das apostas/*trade*?”, “Sua família sabe que você aposta/faz *trade*?” e “Um, ou ambos, dos seus pais ou responsáveis já tiveram/têm algum problema com vícios?” (Apêndice B).

Na presente adaptação, foram retiradas as opções de resposta “na vida” e “últimos 12 meses”, optou-se por utilizar a opção na “vida inteira” apenas, essa mudança foi pensada devido à recente popularização das apostas esportivas no cenário nacional, então para suprir a lacuna deixada por essa forma de medir a relação respostas/tempo de jogo, fora inclusa a questão “há quando tempo você é um apostador/*trader*”.

Foi considerado como um provável jogador patológico o participante que respondeu afirmativamente mais de 5 questões, do total de 20, relacionadas aos comportamentos de jogar, quanto ao transtorno do jogo presentes na escala. Os participantes com 3 ou 4 respostas positivas são classificados como “jogador problema”, os com 0, 1 e 2 são os jogadores sociais.

Os dados obtidos foram analisados e cruzados utilizando a ferramenta *Excel*, que pode ser utilizado como banco de dados a partir de uma planilha (GONÇALVES, 2016), que foi gerada automaticamente pela ferramenta *Google drive*, plataforma hospedeira do questionário, conforme os participantes foram respondendo a pesquisa. Os resultados foram tratados e analisados posteriormente no *software IBM SPSS Statistics for Windows* (IBM CORPORATION, 2011). Na análise foram consideradas apenas as respostas válidas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conforme tabela 2, que segue, são apresentadas as respostas ao questionário da escala SOGS que identifica um provável apostador com transtorno do jogo. Das vinte questões, duas (18 e 19) não tiveram respostas positivas, cinco (1, 2, 4, 5 e 6) obtiveram mais de 50% de respostas afirmativas entre todos os participantes, em destaque a questão 4 “apostou/fez *trade* mais do que planejou” com 75,3% (137) de respostas positivas, implicando em um forte indicativo de perda de controle sobre a atividade de apostar (STEVENS, YOUNG, 2008).

Tabela 2 - Frequência e porcentagem de respostas positivas às questões da SOGS.

QUESTÕES DA ESCALA N= 182	Frequência	%
1. Voltou para recuperar o que perdeu	97	53,3
2. Alegou estar ganhando quando perdia	94	51,6
3. Sente que já teve problema com as apostas/ <i>trade</i>	91	50,0
4. Apostou/ fez <i>trade</i> mais do que planejou	137	75,3
5. É criticado por apostar/fazer <i>trade</i>	111	61,0
6. Sentiu-se culpado por apostar/fazer <i>trade</i>	111	61,0
7. Gostaria de parar	47	25,8
8. Escondeu sinal de aposta/ <i>trade</i>	52	28,6

9. Discutiu por causa do hábito de apostar/fazer <i>trade</i>	35	19,2
10. Pediu dinheiro emprestado e não pagou	19	10,4
11. Perdeu tempo de trabalho	67	36,8
12. Usou dinheiro das despesas da casa	11	6,0
13. Usou dinheiro de esposa/marido	16	8,7
14. Usou dinheiro de outros parentes	9	4,9
15. Usou dinheiro de bancos, companhias de empréstimo ou crédito.	16	8,7
16. Usou cartões de crédito	8	4,3
17. Usou dinheiro de agiotas	4	2,1
18. Vendeu ações, obrigações ou outros papéis.	0	0
19. Vendeu propriedades pessoais ou familiares	0	0
20. Passou cheques descobertos ou sem fundos	1	0,5

Fonte: Dados da pesquisa (2019), adaptada de Oliveira (2006).

O *score* médio dos participantes foi 5,07 (DP= 3,211, variando entre 0 e 17) (Tabela 3). Com isso, o resultado foi que 57,1% (n=104, IC=90%, margem de erro de 6 pontos percentuais, variando entre 51,1% e 63,1%) dos apostadores esportivos responderam afirmativamente para 5 ou mais itens da escala SOGS, podendo ser classificados como prováveis apostadores com transtorno do jogo (figura 2). Sendo, 17,5% (n=32, IC=90%, margem de erro de 6 pontos percentuais, variando entre 11,1% e 23,1%) apostadores problema, pois responderam de forma positiva para 3 ou 4 itens da escala e 25,2% (n=46, IC=90%, margem de erro de 6 pontos percentuais, variando entre 19,2% e 31,2%) são apostadores sociais com *score* de 0 a 2. Apenas 11 (6% IC=90%, margem de erro de 6 pontos percentuais, variando entre 0 e 12%) apostadores conseguiram *score* 0 (zero).

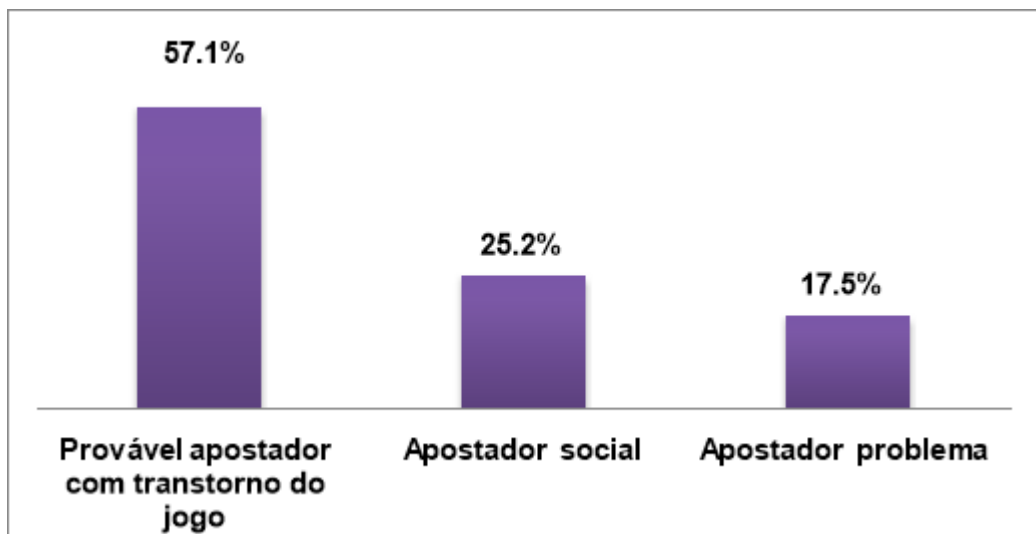
Tabela 3 - Média, modo, desvio padrão, frequência e porcentagem dos Scores dos participantes na escala SOGS.

	Válido	182
	Ausente	0
Média		5,07
Modo		5
Desvio padrão		3,211

Score	Frequência	Porcentual
0	11	6,0
1	14	7,7
2	21	11,5
3	17	9,3
4	15	8,2
5	27	14,8
6	21	11,5
7	18	9,9
8	12	6,6
9	13	7,1
10	3	1,6
11	4	2,2
12	2	1,1
13	1	,5
14	2	1,1
15	1	,5
16	1	,5
17	1	,5
Total	182	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

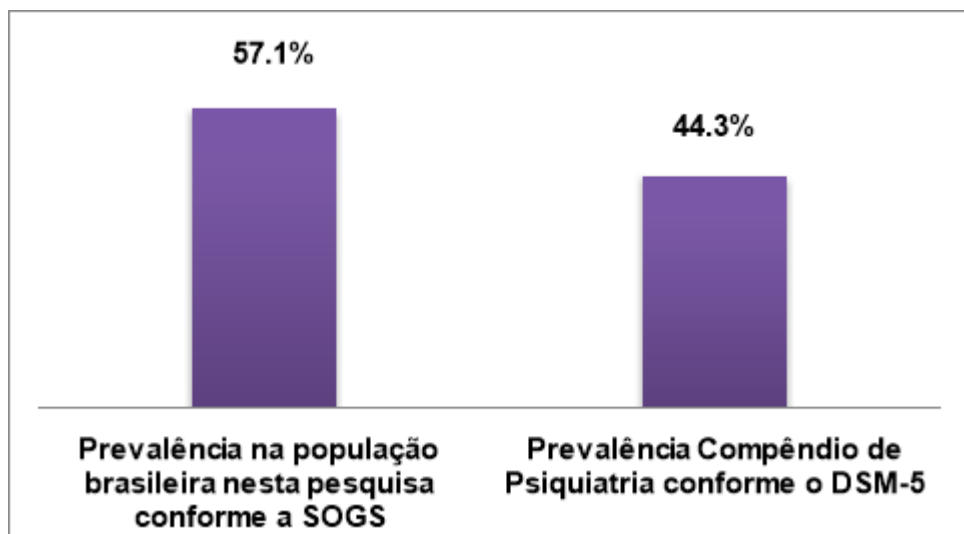
Figura 2 - Classificação dos apostadores esportivos brasileiros quanto à provável apostador com transtorno do jogo, apostador social e apostador problema, de acordo com a escala SOGS.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A prevalência do transtorno do jogo naqueles que apostam em esportes, de acordo com o Compêndio de Psiquiatria de Sadock, Sadock e Ruiz (2017), é de 44,3%; se comparado com os resultados desta pesquisa (Figura 3), percebemos na população brasileira um número de 13.8 pontos percentuais a mais de diferença, o que demonstra, para prováveis apostadores com transtorno do jogo, uma diferença considerável. Não foram encontrados outros estudos semelhantes em apostadores esportivos, para comparação dessa prevalência da população brasileira com relação a outros países.

Figura 3 - Comparação da prevalência de transtorno do jogo em apostadores esportivos existente na literatura, com a prevalência encontrada nesta pesquisa na população brasileira.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Tal diferença pode ter diversos fatores, porém, apenas a continuidade deste e de outros estudos semelhantes podem ampliar e responder de forma mais satisfatória. No entanto, um estudo comparativo entre SOGS e o *Canadian Problem Gambling Index* (CPGI) demonstrou que a primeira escala possui um alto número de falsos positivos, que em comparação com a CPGI, o número de pessoas

identificadas como possíveis apostadores com transtorno do jogo é maior na SOGS, se aplicados as duas escalas à mesma população (STEVENS, YOUNG, 2008). Esta pode ser uma possibilidade a ser considerada nesta discrepância entre as prevalências.

Outro ponto a ser observado é a baixa amostra (N=182) justificável pelo pouco tempo (27 dias) em que a pesquisa esteve disponível para captação de respostas. É necessário também observar que o questionário foi disponibilizado *online*, podendo ocorrer má compreensão das perguntas durante a auto aplicação do questionário pelos participantes.

Precisamos considerar que é possível estarmos de fato em frente a um novo fenômeno, pois ocorre um “aumento impressionante [na prevalência do transtorno do jogo] principalmente em locais onde o jogo é legalizado” (SADOCK, SADOCK e RUIZ, 2017, p. 691), mesmo que no Brasil o processo seja de regulamentação, o efeito sobre a prevalência de transtorno do jogo pode ser semelhante. Deve-se levar em consideração também as especificidades da população brasileira, porém, esta carece de mais pesquisas para compreendermos melhor a relação da nossa população com as apostas esportivas.

As informações sócio demográficas dos apostadores esportivos estão presentes na Tabela 4, de modo que são apresentadas a frequência e porcentagem sobre as respostas referentes às variáveis sexo, estado civil, escolaridade e situação no mercado de trabalho. A média das idades dos participantes foi de 28,4 anos (DP= 6,831, com variação entre 17 e 54 anos). Quanto à renda familiar, a maioria dos apostadores esportivos possui rendimento entre 1 e 3 salários mínimos, correspondendo a 43,4%; seguido por àqueles que ganham entre 3 e 5 salários mínimos, com 28%; representam 23,1% da amostra os com mais de cinco salários

mínimos; dos com menos de um salário mínimo, temos 4,9%; e 0,5% dos participantes não possuem renda.

Tabela 4 – Frequência e porcentagem válida das variáveis: sexo, estado civil, escolaridade e trabalho dos apostadores esportivos.

Variável	N = 182	Frequência	(%)
Sexo	Masculino	175	96,2
	Feminino	7	3,8
Estado civil	Solteiro	108	59,3
	Casado	50	27,5
	Divorciado/Separado	3	1,6
	União estável	21	11,5
	Viúvo	0	0
Escolaridade	Fundamental incompleto	1	0,5
	Fundamental completo	3	1,7
	Médio incompleto	48	26,4
	Médio completo	17	9,3
	Superior incompleto	54	29,7
	Superior completo	52	28,6
	Pós-graduado	5	2,7
	Mestrado	2	1,1
Situação no mercado de trabalho	Trab. Carteira assinada	38	20,9
	Trab. Sem carteira assinada	49	26,9
	Trabalha ocasionalmente	7	3,8
	Desempregado	16	8,8
	Estudante nível superior	24	13,2
	Estudante nível médio	7	3,8
	Funcionário público	30	16,5
	Aposentado	1	0,5
	Empresário	7	3,8
	Apostador/Trader profissional	3	1,6

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Nota-se que a maioria dos apostadores esportivos é do sexo masculino, porém não é possível diferenciar homens e mulheres quanto ao transtorno do jogo,

vide (Tabela 5), pois ambos possuem 57,1% de prevalência. No entanto, é necessário atentar-se ao baixo número de participantes do sexo feminino, o que pode não permitir comparações estatisticamente válidas.

Tabela 5 - Tabulação cruzada da classificação e do sexo.

Classificação		Sexo		Total
		Feminino	Masculino	
Provável apostador patológico	Contagem	4	100	104
	% dentro de Sexo	57,1%	57,1%	57,1%
Apostador problema	Contagem	2	30	32
	% dentro de Sexo	28,6%	17,1%	17,6%
Apostador social	Contagem	1	45	46
	% dentro de Sexo	14,3%	25,7%	25,3%
Total	Contagem	7	175	182
	% dentro de Sexo	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Referente ao estado civil, os solteiros são a maioria nas apostas esportivas, porém a prevalência de transtorno do jogo é maior entre os apostadores em união estável (Tabela 6), mas ficando dentro da média de acordo com a margem de erro; os divorciados apresentam-se como uma exceção, pois devido à baixa amostra dessa variável, não é possível uma comparação estatística.

Tabela 6 – Tabulação cruzada quanto da classificação e estado civil.

Classificação		Estado civil				Total
		Solteiro	Casado	Divorciado/separado	União estável	
Provável apostador patológico	Contagem	62	28	1	13	104
	% dentro de Estado civil	57,4%	56,0%	33,3%	61,9%	57,1%
Apostador problema	Contagem	23	5	1	3	32
	% dentro de Estado civil	21,3%	10,0%	33,3%	14,3%	17,6%
Apostador social	Contagem	23	17	1	5	46
	% dentro de Estado civil	21,3%	34,0%	33,3%	23,8%	25,3%
Total	Contagem	108	50	3	21	182
	% dentro de Estado civil	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa, (2019).

A maior parte dos apostadores esportivos possui nível superior incompleto (29,7%), seguido de superior completo (28,6%), corroborando com Balsa, Vital e Urbano (2012) que constatam que a maioria dos apostadores em esportes na população portuguesa são estudantes universitários e indivíduos com diploma de nível superior. Apostadores com ensino superior incompleto obtiveram a segunda maior prevalência para transtorno do jogo, com 63% nesta pesquisa; depois daqueles com pós-graduação, onde 100% foram identificados como prováveis apostadores com transtorno do jogo; em seguida, os com ensino médio completo, com prevalência de 58,8%; os que possuem ensino fundamental incompleto correspondem a 54,2%; e os de nível superior completo onde 51,9% são prováveis apostadores com transtorno do jogo. Como podem verificar na Tabela 7, que segue.

Tabela 7 - Tabulação cruzada da classificação e escolaridade

Classificação	Escolaridade								Total
	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Médio incompleto	Médio completo	Superior incompleto	Superior completo	Pós graduação	Mestrado	
Provável apostador patológico	N 0	1	26	10	34	27	5	1	104
	% 0,0%	33,3%	54,2%	58,8%	63,0%	51,9%	100,0%	50,0%	57,1%
Apostador problema	N 1	2	8	0	9	11	0	1	32
	% 100,0%	66,7%	16,7%	0,0%	16,7%	21,2%	0,0%	50,0%	17,6%
Apostador social	N 0	0	14	7	11	14	0	0	46
	% 0,0%	0,0%	29,2%	41,2%	20,4%	26,9%	0,0%	0,0%	25,3%
Total	N 1	3	48	17	54	52	5	2	182
	% 100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Em relação à situação no mercado de trabalho (Tabela 8), a maioria dos apostadores esportivos trabalha regularmente, mas sem carteira assinada, estes correspondem a 26,9%; com carteira assinada 20,9%; os funcionários públicos representam 16,5%; e estudantes universitários são 13,2% da amostra. Sendo que

desses, a prevalência de transtorno do jogo é maior entre os funcionários públicos, com 80% de prováveis apostadores patológicos.

Tabela 8 - Tabulação cruzada da classificação e situação no mercado de trabalho.

Classificação	Situação atual no mercado de trabalho										Total
	Trabalha com carteira assinada	Apostador/Trader profissional	Trabalha sem carteira assinada	Trabalha ocasionalmente	Desempregado	Estudante nível superior	Estudante nível médio	Funcionário público	Aposentado	Empresário	
Provável apostador patológico	N 20	2	25	2	12	12	4	24	0	3	104
	% 52,6%	66,7%	51,0%	28,6%	75,0%	50,0%	57,1%	80,0%	0,0%	42,9%	57,1%
Apostador problema	N 7	0	13	2	1	7	1	1	0	0	32
	% 18,4%	0,0%	26,5%	28,6%	6,2%	29,2%	14,3%	3,3%	0,0%	0,0%	17,6%
Apostador social	N 11	1	11	3	3	5	2	5	1	4	46
	% 28,9%	33,3%	22,4%	42,9%	18,8%	20,8%	28,6%	16,7%	100,0%	57,1%	25,3%
Total	N 38	3	49	7	16	24	7	30	1	7	182
	% 100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Os dados referentes ao tempo em que o participante é apostador esportivo estão na tabela 9, neste quesito a maior parte aposta a mais de 1 ano, porém menos que 3 (46,7%), percebemos também um número expressivo de novos apostadores com menos de 1 ano de atividade (31,3%); e o baixo número de indivíduos com mais de 7 anos apostando (4,9%), este último percentual pode ter relação com a recente popularização da atividade no país. Em relação a tal variável, a prevalência

de prováveis apostadores com transtorno do jogo já aparece em 43,9% dos apostadores com menos de 1 ano de atividade, apresentando-se estatisticamente igual, dentro da margem de erro, nos apostadores com 1 a 3 anos, representando 62,4% da amostra; naqueles com 4 a 7 anos, corresponde a 58,1%; e chega a 88,9% nos apostadores com mais de 7 anos de atividade (Tabela 10).

Tabela 9 - Respostas à questão “Há quanto tempo é apostador (a) /trader?”.

	Frequência	Porcentual
1 a 3 anos	85	46,7
Menos de 1 ano	57	31,3
Válido 4 a 7 anos	31	17,0
Mais de 7 anos	9	4,9
Total	182	100,0

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Tabela 10 - Tabulação cruzada da classificação e tempo em que se aposta

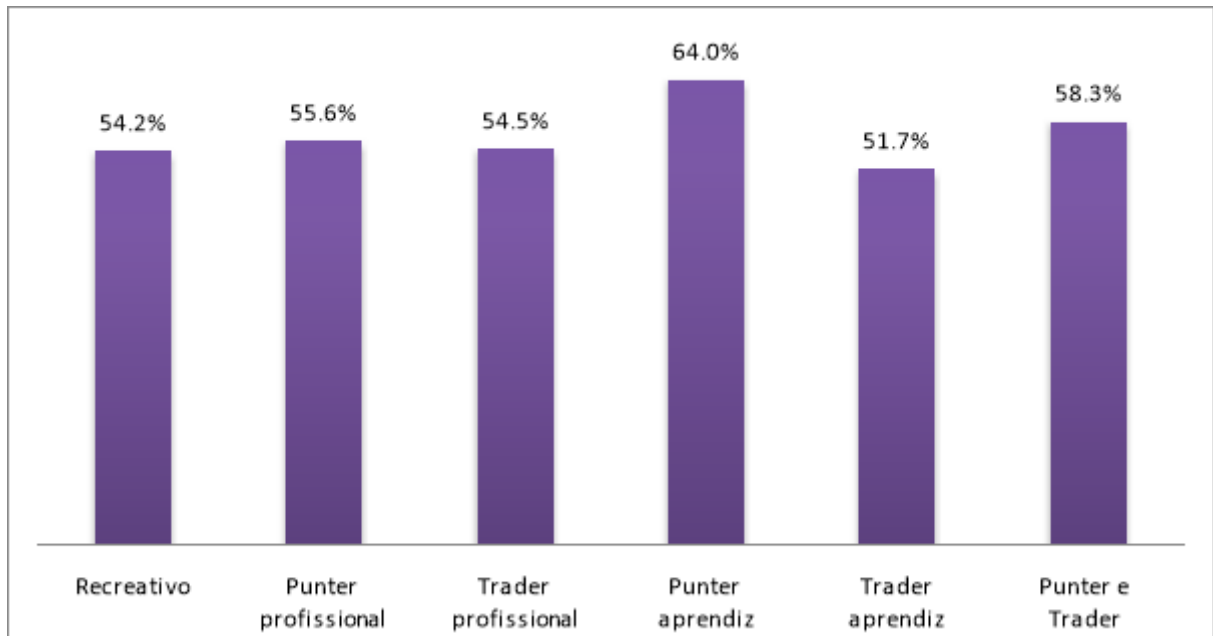
		Há quanto tempo é apostador (a) /trader				Total
		Menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	Mais de 7 anos	
Provável apostador patológico	Contagem	25	53	18	8	104
	%	43,9%	62,4%	58,1%	88,9%	57,1%
Classificação Apostador problema	Contagem	10	16	6	0	32
	%	17,5%	18,8%	19,4%	0,0%	17,6%
Apostador social	Contagem	22	16	7	1	46
	%	38,6%	18,8%	22,6%	11,1%	25,3%
Total	Contagem	57	85	31	9	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Analisando como os apostadores se auto avaliam em relação às apostas esportivas, observamos que das 182 respostas, 59 relataram serem apostadores

recreativos apostando apenas por diversão; outros 50 como *punter* aprendizes, ou seja, estão estudando e apostam com a intenção de se profissionalizarem; assim como os 29 que se consideram *traders* aprendizes; já 24 dos participantes são *punter/traders*, isto é, atuam nas duas modalidades de apostas; 11 disseram ser *traders* profissionais; e 9 consideram-se *punters* profissionais. No que diz respeito à prevalência nessas categorias de apostadores, não é possível diferenciar um apostador recreativo ou aprendiz, de um profissional, no que diz respeito ao possível diagnóstico de transtorno de jogo (figura 4), todas as modalidades de apostadores apresentaram prevalência superior a 50% (Tabela 11).

Figura 4 - Porcentagem da prevalência de provável apostador com transtorno do jogo nos apostadores/*traders* recreativo, *punter* profissional, *trader* profissional, *punter* aprendiz, *trader* aprendiz, *punter/trader*.



Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Tabela 11 - Tabulação cruzada quanto à classificação e tipos de apostadores.

Classificação		Considera-se um apostador/trader						Total
		Recreativo	Punter profissional	Trader profissional	Punter aprendiz	Trader aprendiz	Punter e Trader	
Provável apostador patológico	N	32	5	6	32	15	14	104
	%	54,2%	55,6%	54,5%	64,0%	51,7%	58,3%	57,1%
Apostador problema	N	9	1	2	9	6	5	32
	%	15,3%	11,1%	18,2%	18,0%	20,7%	20,8%	17,6%
Apostador social	N	18	3	3	9	8	5	46
	%	30,5%	33,3%	27,3%	18,0%	27,6%	20,8%	25,3%
Total	N	59	9	11	50	29	24	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

A porcentagem e frequência referente à quantidade de apostas feitas por semana pelos apostadores esportivos brasileiros são encontradas na tabela 12. De forma que, 63 (34,6%) dos 182 participantes da pesquisa fazem mais de 20 apostas por semana; outros 49 (26,9%) fazem entre 10 e 20 apostas semanais; 34 (18,7%) realizam entre 5 e 10; 29 (15,9%) fazem menos de 5; e 7 participantes (3,8%) afirmaram fazer mais de 50 apostas semanalmente, inclusive, um dos participantes relatou fazer mais de 150 apostas semanais, isso pode ser influenciado pelo fato de que muitos apostadores seguem alguns *tipsters*¹ que dão dicas e indicam qual aposta fazer, além do fato da facilidade para se apostar a qualquer hora e lugar por meio da *internet*.

¹ Tipster - Profissional que disponibiliza seus prognósticos de determinados campeonatos ou esporte em que atua nas apostas esportivas. [Definição repassada por mensagem de Whatsapp por Danilo Martins Fina, Tipster do grupo Quero Apostar].

Tabela 12 - Tabulação cruzada quanto à classificação e quantidades de apostas feitas por semana.

Classificação		Quantas apostas fazem por semana					Total
		Menos de 5	Entre 5 e 10	Entre 10 e 20	Mais de 20	Acima de 50	
Provável apostador patológico	Contagem	10	19	27	44	4	104
	%	34,5%	55,9%	55,1%	69,8%	57,1%	57,1%
Apostador problema	Contagem	5	5	12	9	1	32
	%	17,2%	14,7%	24,5%	14,3%	14,3%	17,6%
Apostador social	Contagem	14	10	10	10	2	46
	%	48,3%	29,4%	20,4%	15,9%	28,6%	25,3%
Total	Contagem	29	34	49	63	7	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Notou-se um aumento da prevalência de transtorno do jogo à medida em que cresce o número de apostas por semana, pois naqueles que fazem menos de 5 por semana, a prevalência foi de 34,5%; já os que fazem entre 5 e 10, são 55,9% da amostra; entre 10 e 20, 55,1%; e quanto aos apostadores que fazem mais de 20 apostas semanais, a prevalência de provável jogador com transtorno do jogo foi de 69,8%. A exceção foi quanto aos que fazem acima de 50 apostas por semana, destes, 57,1% apresentam o risco de serem jogadores patológicos, aqui há um retorno à média.

Quanto ao valor da maior aposta já feita (Tabela 13), 89 apostadores esportivos, representando 48,9%, afirmaram que sua maior aposta ficou entre R\$ 101,00 e R\$ 1.000,00; outros 57 participantes (31,3%), apostam entre R\$ 11 e R\$ 100,00; já 19 (10,4%), menos de R\$ 10,00; dos participantes, 13 (7,1%) realizam apostas entre 1.001,00 e R\$ 10.000,00; e apenas 4 (2,2%) fizeram apostas de mais de R\$ 10.001,00. Ocorre um crescimento gradativo da prevalência de transtorno do jogo à medida que aumenta o maior valor apostado, até dez mil reais. Prevalência

de 26,3% nos que apostaram até dez reais; do total, 52,6% entre onze e cem reais; já 60,7% entre cento e um reais e mil reais; e 92,3% nos que a maior aposta ficou entre mil e um reais a dez mil reais, voltando a cair para 75% nos que apostam acima de dez mil reais.

Tabela 13 - Tabulação cruzada quanto da classificação e maior valor já apostado.

Classificação		Maior valor que você já apostou em uma única aposta/trade					Total
		Menos de R\$ 10,00	Entre 11,00 e R\$ 100,00	Entre 101,00 e R\$ 1.000,00	Entre 1.001,00 e R\$ 10.000,00	Acima de 10.001,00	
Provável apostador patológico	Contagem	5	30	54	12	3	104
	%	26,3%	52,6%	60,7%	92,3%	75,0%	57,1%
Apostador problema	Contagem	2	10	18	1	1	32
	%	10,5%	17,5%	20,2%	7,7%	25,0%	17,6%
Apostador social	Contagem	12	17	17	0	0	46
	%	63,2%	29,8%	19,1%	0,0%	0,0%	25,3%
Total	Contagem	19	57	89	13	4	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Com relação ao tipo de aposta, 162 (89%) responderam que apostam apenas em esportes; 20 (11%) praticam outras modalidades de apostas como loteria, bingo, cartas e bolsa de valores (3,8% dos apostadores esportivos também operam na bolsa de valores).

Acerca do meio usada para realizar as apostas, 83% dos participantes apostam apenas *online*; 6% *online* e através das lotéricas; já 5,5% *online* e por meio de "maquininhas" com cambista; os que utilizam apenas as "maquininhas" com cambista representam 4,4%; e 0,5% realizam as apostas apenas em casas lotéricas.

No que concerne ao histórico familiar, com relação a um dos pais (ou os dois) ou responsáveis, fora perguntado se há indícios do desenvolvimento de algum dos vícios mais comuns na população brasileira, como o álcool, tabaco e apostas. Dos três, o menos frequente foi o vício em apostas. Sendo que, 117 (64,3%) não possuem histórico na família nesse quesito, na maior parte das variáveis não foi percebida diferença na prevalência do transtorno do jogo quanto ao histórico familiar, com exceção daqueles com um ou ambos os pais ou responsáveis viciados em álcool, com 33,3% de prevalência, a menor porcentagem (Tabela 14). A prevalência de provável jogador com transtorno do jogo foi alta, com 57,3%, inclusive naqueles sem histórico de vícios na família.

Tabela 14 - Tabulação cruzada da classificação e histórico familiar.

Classificação		Um ou ambos os seus pais ou responsáveis já tiveram/têm algum problema com vícios							Total
		Álcool	Cigarro	Apostas	Nenhum	Álcool e cigarro	Álcool e apostas	Álcool, cigarro e apostas	
Provável apostador patológico	Contagem	15	12	1	67	4	1	4	104
	%	65,2%	54,5%	50,0%	57,3%	33,3%	100,0%	80,0%	57,1%
Apostador problema	Contagem	2	1	1	25	3	0	0	32
	%	8,7%	4,5%	50,0%	21,4%	25,0%	0,0%	0,0%	17,6%
Apostador social	Contagem	6	9	0	25	5	0	1	46
	%	26,1%	40,9%	0,0%	21,4%	41,7%	0,0%	20,0%	25,3%
Contagem		23	22	2	117	12	1	5	182
Total		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Concernente ao conhecimento da família sobre o hábito de apostar (Tabela 15), 149 apostadores relataram que a família sabe, destes, 53,7% se enquadram

como prováveis jogadores com transtorno do jogo. Para 33 participantes (18,1%) a família não tem conhecimento, dos quais, 72,7% provavelmente possuem o transtorno.

Tabela 15 - Tabulação cruzada quanto à classificação e conhecimento da familiar sobre o hábito de apostar.

Classificação		Sua família sabe que você aposta/faz trade?		Total
		Sim	Não	
Provável apostador patológico	Contagem	80	24	104
	%	53,7%	72,7%	57,1%
Apostador problema	Contagem	29	3	32
	%	19,5%	9,1%	17,6%
Apostador social	Contagem	40	6	46
	%	26,8%	18,2%	25,3%
Total	Contagem	149	33	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019)

No quesito quanto ao conhecimento e uso da gestão de banca (Tabela 16), verificou-se que 100 (54,95%) apostadores utilizam essa ferramenta; já 32 (17,6%) não usam; outros também 32 (17,6%) participantes sabem o que é gestão de banca, mas não utilizam; e 18 (9,9%) não sabem o que é. Desta forma, a prevalência do provável transtorno é maior nos indivíduos que conhecem e não usam (84,4%), e menor naqueles que não sabem o que é (38,9%).

Tabela 16 - Tabulação cruzada quanto da classificação e utilização da gestão de banca.

Classificação		Utiliza gestão de banca				Total
		Sim	Não	Não sei o que é	Sei, mas não uso	
Provável	Contagem	52	18	7	27	104

apostador patológico	%	52,0%	56,2%	38,9%	84,4%	57,1%
Apostador problema	Contagem	19	6	5	2	32
	%	19,0%	18,8%	27,8%	6,2%	17,6%
Apostador social	Contagem	29	8	6	3	46
	%	29,0%	25,0%	33,3%	9,4%	25,3%
Total	Contagem	100	32	18	32	182
	%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Dados da pesquisa (2019).

Sobre o desejo dos apostadores esportivos de obterem das apostas mais que diversão, mas como uma forma também de sustento, 117 (64,26%) apostadores esportivos declararam que gostariam de viver apenas com os ganhos das apostas, e 65 (35,7%) responderam que não tem esse desejo. Nesta variável observamos um ponto interessante, as apostas esportivas, diferentemente das demais modalidades de apostas, podem não ser encaradas como um jogo de azar pela maioria dos apostadores, mas como um investimento, uma possibilidade de renda extra ou nesse caso a esperança de mudar a realidade financeira do apostador. A prevalência de possível transtorno do jogo é maior entre os que querem viver apenas das apostas, representando 65%, ficando acima da média de toda a amostra, que é 57,1%; entre os que não gostariam de viver apenas das apostas, 43,1% foram caracterizados como prováveis apostadores com transtorno do jogo.

A respeito do número de apostadores esportivos que já pediram dinheiro emprestado para apostar ou pagar dívidas de apostas, observamos que 43 (23,6%) participantes já recorreram a tal prática, nesse grupo a prevalência de possível transtorno do jogo é de 93%, um total de 40 indivíduos; os que nunca pediram dinheiro emprestado representam 139 (76,4%), nesse grupo a prevalência de provável transtorno do jogo foi de 46%, ou seja, 64 participantes da pesquisa, assim,

o grupo que não pede dinheiro emprestado obteve menos da metade de prevalência para provável apostador com transtorno do jogo, que os que pediram empréstimos.

As principais fontes de empréstimos são: o (a) companheiro (a) /esposa ou esposo; bancos, companhias de crédito e empréstimos, ambos com 37,2% (16), dinheiro das despesas da casa 25% (11), outros parentes 20,9% (9), cartões de crédito 18,6% (8), de agiotas 9,3% (4) e apenas 1 participante passou cheques sem fundos, caracterizando 2,3% da amostra.

O grande entrave deste primeiro corte da presente pesquisa que está em andamento, foi o tempo disponível para análise (27 dias), este fator influenciou na amostra, possuindo um total de 182 participantes válidos, no nível de confiança (IC=90%) e na margem de erro (6 pontos percentuais). O engajamento dos apostadores em participar foi considerado baixo (0.1% em número estimado), frente à quantidade de apostadores que provavelmente entraram em contato com o questionário (Tabela 1). O pioneirismo também, pois não há correlações bibliográficas semelhantes às encontradas neste estudo, dificultando assim a comparação com outros países, assim como a dificuldade de se estimar a quantidade de apostadores esportivos no Brasil. Igualmente, consideramos um erro a retirada da pergunta sobre a religião dos apostadores esportivos, presente na escala original e na validade em população brasileira, mas que ficou de fora dessa versão, consideramos inseri-la nas demais fases deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O transtorno do jogo tem efeitos negativos sobre a qualidade de vida física, financeira, estrutura familiar, social e saúde mental do apostador. Na população, como um todo, sua prevalência ainda é considerada baixa (variando de 1% a 1,5%)

se comparada com outros transtornos mentais como a ansiedade (8,5%) e depressão (5,2%), porém os, aproximadamente, mais de dois milhões de brasileiros que são prováveis jogadores com transtorno do jogo não possuem atenção, muitos menos políticas públicas específicas, como as existentes para as demais enfermidades relacionadas à saúde mental.

Esta pesquisa foi capaz de mensurar a prevalência de prováveis apostadores esportivos com transtorno do jogo, mostrando-se superior à prevalência em mesma população encontrada na literatura. Conhecemos também o perfil sócio demográfico e características do hábito de apostar desse público.

Este trabalho não esgota esta temática, efetivamente é apenas um início, que busca chamar a atenção da academia, dos profissionais da saúde, em especial da psicologia, e dos nossos governantes, por meio de políticas públicas adequadas. É almejavável que essa pesquisa possibilite novos estudos sobre o transtorno do jogo na população brasileira, para assim compreendermos melhor esse fenômeno, principalmente fora do eixo centro oeste e sul, estendendo-se para o norte e nordeste do país, com centros de referência em pesquisa científica, em especial relacionadas à saúde mental.

Principalmente, é desejado que a presente pesquisa motive políticas públicas que considerem o ser humano apostador, o indivíduo que vivencia os feitos positivos e negativos desta atividade. Temos observado o foco das políticas em relação ao retorno financeiro devido à regulamentação, mas pouco se tem debatido sobre as consequências sociais e para saúde pública. Ressaltamos que nosso posicionamento é contrário à proibição da atividade no país, não obstante, acreditamos que o jogo responsável é possível se entendermos seus riscos e benefícios.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)**. 5ª ed. São Paulo, 2014. *E-book*

BALSA, Casimiro; VITAL, Clara; URBANO, Cláudia. **Perfil do jogo e dos jogadores em Portugal** - Com base nos resultados do III Inquérito Nacional à População Geral. 2012. Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa - PT, 2012. Disponível em: http://www.sicad.pt/BK/EstatisticalInvestigacao/EstudosConcluidos/Lists/SICAD_ESTUDOS/Attachments/161/PerfiJogoJogadoresPT_INPG2012.pdf> Acesso em: 23 out. 2019.

BAMPI, Fábio [NETTUNO]. **O que é trade esportivo?** [agosto 2018]. Disponível em: HTTPS://www.youtube.com/watch?v=H_nwzdo1wqy. Acessado em: 21 maio 2019.

BORGES, T. **Aula Completa sobre Gestão de Banca**. [abr. 2019]. Disponível em: <HTTPS://www.youtube.com/watch?v=5zi6vkuqtqo&t=84s>. Acesso em: 21 mai. 2019.

BRASIL, Presidência da República. **Medida Provisória nº 846**: Altera a Medida Provisória nº 841, de 11 de junho de 2018, que dispõe sobre o Fundo Nacional de Segurança Pública e sobre a destinação do produto da arrecadação das loterias, a Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998, que institui normas gerais sobre desporto, e a Lei nº 11.473, de 10 de maio de 2007, que dispõe sobre cooperação federativa no âmbito da segurança pública, Brasília, DF, 2018. Disponível em: <https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/134005/pdf>. Acesso em 22 mai. 2019.

CASTRO, Daianny G. de. **Quando jogar se torna patológico**. São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0347.pdf>. Acesso em: 24 de abril 2019.

CESAR, Rodrigo. Viver de Apostas ou Brincar de apostas?. **Aposta ganha**. 20 jun. 2018. Cop. 2019. Disponível em <https://www.apostaganha.com/viver-de-apostas-ou-brincar-de-apostas/>. Acesso em 23 maio de 2019.

GONÇALVES, Bruna Beza da Silva. **Softwares de apoio à pesquisa científica: levantamento e análise de características**. Universidade Federal de Santa Catarina. Araranguá, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/165459/SOFTWARES%20DE%20APOIO%20%C3%80%20PESQUISA%20CIENT%20%C3%8DFICA.pdf?sequence=1> Acesso em: 03 jun 2019.

GOOGLE, Trends. **Apostas esportivas, Brasil, 2008-2018**. 2019. Disponível em: <https://trends.google.com/trends/explore?q=apostas%20esportivas&geo=BR>. Acesso em: 03 de jun. 2019.

HUBERT, Pedro Felipe. **Jogadores patológicos online e offline: caracterização e comparação**. Tese de doutorado em psicologia – Universidade Autônoma de Lisboa. Lisboa - PT, 2014. Disponível em:

<http://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/720/1/Tese%20Doutoramento%20Pedro%20Hubert%20Jogo%20Online%20e%20offline%20final%2007-04-2014.pdf>. Acesso em: 03 de jun 2019.

IBM Corporation. **IBM SPSS Statistics for Windows.**, Version 20.0. Armonk, NY, 2011.

KRÄHENBÜHL, Gunther Di Dio *et. al.* Infarto agudo do miocárdio em jogador patológico. **Rev Soc Bras Clin Med.** São Paulo, 2015, jul-set;13(3):206-9. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1679-1010/2015/v13n3/a5395.pdf>. Acesso em: 17 de abril 2019.

LESIEUR, H. R.; BLUME, S. B. The South Oaks Gambling Screen (SOGS): a new instrument for the identification of pathological gamblers. **American Journal of Psychiatry**, 144(9), 1184-1188, 1987. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/19531246_The_South_Oaks_Gambling_Screen_SOGS_A_New_Instrument_for_the_Identification_of_Pathological_Gamblers> acesso em: 02 abr. 2019)

MAZZOLENI, Maria Helena Bernardi. **Funcionamento familiar e eficácia de um programa psicoeducacional em familiares de jogadores patológicos.** Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:10.11606/D.5.2006.tde-16102006-143849. Acesso em: 2019-06-04.

MEDEIROS, Gustavo C. et al . A cross-cultural study of gambling disorder: a comparison between women from Brazil and the United States. **Rev. Bras. Psiquiatr.** São Paulo, v. 38, n. 1, p. 53-57, Mar. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462016000100053&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Jun 2019.

OLIVEIRA, Maria Paula Magalhães Tavares de. **Validação da escala South Oaks Gambling Screen em população brasileira.** 2006. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em:10.11606/T.47.2006.tde-28022008-220447. Acesso em: 2019-06-04.

OLIVEIRA, Maria Paula Magalhães Tavares de; SILVEIRA, Dartiu Xavier da; SILVA, Maria Teresa Araujo. Jogo patológico e suas consequências para a saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, n. 3, p. 542-549, Jun 2008 . Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000300022&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 Jun 2019.

Organização Mundial da Saúde. **CID-10** Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. Universidade de São Paulo 10a ver, vol.1.; São Paulo: 2008.

PEREIRA, Danilo. **O que é preciso para um apostador profissional ser lucrativo?** 2018. Disponível em: <https://danilopereira.net.br/index.php/2019/01/02/apostador-profissional-ser-lucrativo/>. Acesso em: 13 de mai. 2019.

PARANHOS, Felipe. Febre no Nordeste, bancas de aposta esportiva ilegal 'quebram' após prêmios milionários no Brasileirão. **Metro**, 2017. Disponível em: <https://metro1.com.br/noticias/esportes/38570,febre-no-nordeste-bancas-de-aposta-esportiva-ilegal-quebram-apos-premios-milionarios-no-brasileirao>. Acesso em: 15 abril 2019.

SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; RUIZ, Pedro. **COMPÊNDIO DE PSIQUIRIA**: ciência do comportamento e psiquiatria clínica. Tradução: Marcelo de Abreu Almeida, Revisão técnica: Gustavo Schestatsky. 11 ed. Porto Alegre, Artmed, 2017.

SHAFFER, Howard J.; FREED, Christopher R.; HEALCA, Daryl. **Gambling disorders among homeless persons with substance use disorders seeking treatment at a community center**. Division of Addiction, Harvard Medical School, Boston, Massachusetts, 2002. Disponível em: <https://ps.psychiatryonline.org/doi/full/10.1176/appi.ps.53.9.1112>. Acesso em: 23 de mai 2019.

STEVENS, Matthew; YOUNG, Martin. 'Gambling screens and problem gambling estimates: a parallel psychometric assessment of the South Oaks Gambling Screen and the Canadian Problem Gambling Index. **Gambling Research**, 2008, vol. 20, no. 1, pp. 13-36. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/> Acesso em: 20 out. 2019.

Tavares, H., Carneiro, E., Sanches, M., Pinsky, I., Caetano, R., Zaleski, M., & Laranjeira, R. (2010). Gambling in Brazil: Lifetime prevalences and socio-demographic correlates. **Psychiatry Research**, 180, 35–41. Disponível em :<https://doi.org/10.1016/j.psychres.2010.04.014>. Acesso em 23 mai 2019.

Weinstock, J.; Ledgerwood, D. M.; Lowe, V. M.; Petry, N. M. Ludomania: avaliação transcultural do jogo de azar e seu tratamento. **Rev Bras Psiquiatr.** [online]. 2008, vol.30, suppl. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462008000500002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 24 de jun. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido.

Rastreamento do transtorno do jogo nos apostadores esportivos brasileiros.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.

De acordo com resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que esclarece as normas éticas de pesquisas com seres humanos, baseado nos princípios da dignidade humana, venho através deste documento prestar os esclarecimentos sobre esta pesquisa que você está sendo convidado a participar.

Sou ***** , aluno do curso de Psicologia da Universidade ***** , sob supervisão do professor ***** , estou realizando essa pesquisa em nível de graduação, com objetivo de rastrear os jogadores patológicos dentro do cenário das apostas esportivas brasileiro. Sua participação envolve apenas responder este questionário online estruturado de múltipla escolha, com duração média de 15 minutos. NÃO EXISTEM RESPOSTAS CERTAS OU ERRADAS. A participação é VOLUNTÁRIA, e você poderá desistir a qualquer momento.

Na publicação dos resultados desta pesquisa os seus dados e respostas serão mantidos sob sigilo. Quaisquer danos eventuais causados por essa pesquisa será garantida assistência integral e ressarcimento.

Não há benefícios diretos imediatos em participar desta pesquisa, porém indiretamente você está contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para produção científica.

A pesquisa envolve o risco de sofrimento emocional significativo, se enquanto responder a pesquisa, o participante se percebe com algum grau de risco de desenvolver ou estar com transtorno do jogo.

QUAISQUER DÚVIDAS RELATIVAS À PESQUISA PODERÃO SER ESCLARECIDAS PELO PESQUISADOR *****, PELO ORIENTADOR NOS CONTATOS DA CORDEAÇÃO ***** OU PELO COMITÊ DE ÉTICA EMAIL: cep@*****.br.

Você tem direito de buscar indenização caso necessário.

ATENCIOSAMENTE,

*****, Discente do curso de Psicologia- Universidade *****

*****, Mestre e Doutor em Psicologia- Universidade *****

Email address *

Seu email:

Leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido acima e marque a alternativa a seguir.

- Concordo em participar desta pesquisa.
- Não quero participar desta pesquisa.

APÊNDICE B – Versão da Escala SOGS adaptada para as apostas esportivas

1.Idade *

2.Sexo *

- Feminino
- Masculino

3.Estado civil *

- Solteiro
- Casado
- Divorciado/Separado
- Viúvo

4.Escolaridade *

- Ensino fundamental Incompleto
- Ensino fundamental
- Ensino médio incompleto
- Ensino médio
- Ensino superior incompleto
- Ensino superior

- Pós-graduação
- Mestrado
- Doutorado

Outro: _____

5.Qual é, aproximadamente, sua renda familiar?

- Menos de um salário mínimo
- Entre um e três salários mínimos
- Entre três e cinco salários mínimos
- Mais de cinco salários mínimos
- Não possui renda

6.Há quanto tempo você é apostador(a)/trader? (Conte a partir do dia que fez sua primeira aposta esportiva)

- Menos de 1 ano
- 1 a 3 anos
- 4 a 7 anos
- Mais de 7 anos.

7.Você se considera um apostador/trader

- Recreativo (Jogo apenas por diversão)
- Profissional (Vivo exclusivamente ou parte dos meus

rendimentos são do trade/apostas esportivas)

- Punter/apostador aprendiz (Estou aprendendo e gostaria de me tornar um apostador profissional)
- Trader profissional (Vivo exclusivamente ou parte dos meus rendimentos são do trade esportivo)
- Trader aprendiz (Estou aprendendo e gostaria de me tornar profissional do trade esportivo)
- Punter/apostador e Trader esportivo (Faço ambas as modalidades de apostas esportivas)

8.Quantas apostas/trade você faz por semana?

- Menos de 05
- De 05 a 10
- Mais de 10
- Mais de 20

9.Qual o maior valor que você já apostou em uma única aposta/trade?

- Menos de R\$ 10,00
- Entre R\$ 11,00 e R\$ 100,00

- Entre R\$101,00 e R\$1.000,00
- Entre R\$ 1.001,00 e R\$ 10.000,00
- Acima de R\$10.001,00

10. Qual tipo de aposta/trade você faz mais frequentemente? (poderá ser assinalado mais de uma opção)

- Esportivas (Futebol, Tênis, Basquete, Formula 1, Futebol Americano, cavalos etc.)
- Cassino
- Loteria
- Bingo
- Cartas
- Bolsa de valores

Outro: _____

11. Você sente que já teve alguma vez problema com apostas/trade?

- Sim
- Não

12. Você utiliza gestão de banca, gestão de capital?

- Sim
- Não

- Não sei o que é.
- Sei o que é, mas não utilizo.

13. Qual a forma mais usada por você para fazer suas apostas/trade (poderá ser assinalado mais de uma opção)

- Online (computador, tablet, Smartphones/whatsapp)
- Maquininhas na casa de um conhecido
- Vou até as casas lotéricas/bingo/cassino

Outro: _____

14. Qual sua situação atual no mercado de trabalho?

- Trabalho regularmente com carteira assinada
- Trabalho regularmente, mas sem carteira assinada
- Trabalho ocasionalmente
- Desempregado
- Estudante dos níveis superiores; graduação, pós-graduação, mestrado e doutorado.
- Estudante dos níveis fundamental, médio e técnico.

Funcionário Público

Aposentado

Outro: _____

15. Você gostaria de viver apenas das apostas/trade?

Sim

Não

16. Sua família sabe que você aposta/faz trade?

Sim

Não

17. Um ou ambos os seus pais ou responsáveis já tiveram algum problema com vícios? (pode ser assinalado mais de uma opção)

Alcool

Cigarro

Apostas

Nenhum dos meus pais ou responsáveis tiveram/tem problemas com vícios

Outro: _____

18. Alguma vez você já alegou estar ganhando dinheiro apostando/fazendo trade, mas na verdade você estava perdendo?

- Sim
- Não

19. Você já sentiu que gostaria de parar de apostar/fazer trade mas pensou que não conseguiria fazê-lo?

- Sim
- Não

20. Você já discutiu/brigou com pessoas com quem mora por causa do dinheiro usado no seu hábito de apostar/fazer trade?

- Sim
- Não

21. Você alguma vez já escondeu papéis de apostas, tickets de loteria, dinheiro de apostas/trade ou outro sinal de aposta/trade de sua/seu companheira(o), filhos ou outras pessoas importantes na sua vida?

- Sim
- Não

22. Você alguma vez apostou/fez trade mais do que planejou?

- Sim
- Não

23.Você alguma vez já perdeu tempo de trabalho (ou escola/faculdade) por causa das apostas/trade?

- Sim
- Não

24.Você já se sentiu culpado pela maneira como aposta/faz trade ou pelo o que acontece com você quando aposta/faz trade?

- Sim
- Não

25.Quando você perde dinheiro nas apostas/trade, frequentemente você volta outro dia para recuperar suas perdas?

- Sim
- Não

26. Pessoas já criticaram o fato de você apostar/fazer trade?

- Sim
- Não

27. Alguma vez você pediu dinheiro emprestado e não pagou por causa das apostas/trade?

- Sim
- Não

28. Você já pediu dinheiro emprestado para apostar/fazer trade ou para pagar dívidas de apostas/trade?

- De dinheiro reservado para as despesas da casa
- De sua esposa/marido/companheiro/namorado(a)
- De outros parentes
- De bancos, companhias de empréstimo ou crédito
- De cartões de crédito
- De agiotas
- Você vendeu ações, obrigações ou outros papéis
- Você vendeu propriedades pessoais ou familiares
- Você passou cheques descobertos ou sem fundos

ANEXOS

ANEXO A – Versão adaptada para o português da Escala SOGS (OLIVEIRA, 2006).

Escala SOGS – South Oaks Gambling Screen

1.Sexo:

1.() Masculino

2.() Feminino

2.Idade: _____anos

3.Seu estado civil atual é:

1.() Solteiro

2.() Casado/ companheiro

3.() Divorciado/ separado

4.() Viúvo

4.Religião:

1.() Católica

2.() Protestante

3.() Espírita

4.() Judaica

5.() Não tenho religião

6.() Outra. Especifique:

5.Quanto você acha que sua crença religiosa interfere na sua vida?

- 1.() Não tenho religião
- 2.() Interfere às vezes
- 3.() Interfere muito
- 4.() Não interfere em nada

6.Qual é a sua escolaridade:

- 1.() Não recebi educação formal
- 2.() Primeiro grau (1_ a 8_ séries) incompleto
- 3.() Primeiro grau (1_ a 8_ séries) completo
- 4.() Segundo grau (Colegial) incompleto
- 5.() Segundo grau (Colegial)completo
- 6.() Superior incompleto
- 7.() Superior completo

7. Assinale a alternativa que melhor indica a sua atual situação de trabalho:

- 1.() Trabalho regularmente período integral
- 2.() Trabalho regularmente meio período
- 3.() Trabalhos ocasionalmente
- 4.() Desempregado
- 5.() Estudante
- 6.() Do lar
- 7.() Aposentado

8.Qual é, aproximadamente, sua renda familiar mensal?

R\$ _____

9. Indique com um X todas as formas de jogo você já praticou ao menos uma vez na sua vida e sua idade quando jogou pela primeira vez.

	TIPO DE JOGO	Sim	Não	Idade 1a vez
a.	jogou cartas a dinheiro			
b.	apostou em cavalos, galos ou outros animais (com ou sem um agente de apostas - bookie)			
c.	apostou em esportes (participou de bolão)			
d.	jogou jogos de dados a dinheiro (qualquer tipo de jogo)			
e.	foi a cassino (legal ou não)			
f.	jogou em números ou na loteria (jogo do bicho, loto, sena...)			
g.	jogou bingo			
h.	especulou na bolsa ou no mercado de commodities			
i.	jogou video poker ou outras máquinas de jogo			
j.	jogou boliche, golf, sinuca ou outro jogo de habilidade a dinheiro			

10. Indique quais formas de jogo você praticou ao menos uma vez nos últimos 12 meses.

	TIPO DE JOGO	Sim	Não
a.	jogou cartas a dinheiro		
b.	apostou em cavalos, galos ou outros animais (com ou		

	sem um agente de apostas - bookie)		
c.	apostou em esportes (participou de bolão)		
d.	jogou jogos de dados a dinheiro (qualquer tipo de jogo)		
e.	foi a cassino (legal ou não)		
f.	jogou em números ou na loteria (jogo do bicho, loto, sena...)		
g.	jogou bingo		
h.	especulou na bolsa ou no mercado de commodities		
i.	jogou video poker ou outras máquinas de jogo		
j.	jogou boliche, golf, sinuca ou outro jogo de habilidade a dinheiro		

12. Indique a frequência das formas de jogo você praticou nos últimos 30 dias.

	TIPO DE JOGO	Não joguei	Menos que uma vez por semana	1 ou mais vezes por semana	Diariamente
a.	jogou cartas a dinheiro				
b.	apostou em cavalos, galos ou outros animais (com ou sem um agente de apostas - bookie)				
c.	apostou em esportes (participou de bolão)				

d.	jogou jogos de dados a dinheiro (qualquer tipo de jogo) o				
e.	foi a cassino (legal ou não)				
f.	jogou em números ou na loteria (jogo do bicho, loto, sena...)				
g.	jogou bingo				
h.	especulou na bolsa ou no mercado de commodities				
i.	jogou VIDEOPOKER o outras máquinas de jogo u				
j.	jogou boliche,golf, sinuca ou outro jogo de habilidade a dinheiro				

13.Qual foi a maior quantia de dinheiro que você já usou para jogar em um dia? 1.()

Nunca joguei a dinheiro

2.() US\$ 1 ou menos

3.() entre US\$ 1 e US\$ 10

4.() entre US\$ 11 e US\$ 100

5.() entre US\$ 101 e US\$ 1.000

6.() entre US\$ 1.001 e US\$ 10.000

7.() mais de US\$10.000

14.Seus pais têm ou já tiveram problemas com jogo?

1.() tanto meu pai quanto minha mãe jogam (ou jogavam) demais

2.() meu pai joga (ou jogava) demais

3.() minha mãe joga (ou jogava) demais

4.() nenhum dos dois jogam (ou jogavam) demais

15.Seus pais têm ou já tiveram problemas devido ao uso de álcool?

1.() tanto meu pai quanto minha mãe bebem (ou bebiam) demais

2.() meu pai bebe (ou bebia) demais

3.() minha mãe bebe (ou bebia) demais

4.() nenhum dos dois bebe (ou bebeu) demais

Nas questões seguintes você deverá dar duas respostas, uma referente à sua vida e outra referente ao último ano (últimos doze meses).

16.Quando você joga, quão frequentemente você volta outro dia para recuperar o dinheiro que você perdeu ?

	nunca	algumas vezes que perco (menos da metade das vezes)	a maior parte das vezes que eu perco	toda vez que eu perco
Na vida				
Últimos 12 meses				

17.Alguma vez você já alegou estar ganhando dinheiro jogando, mas na verdade você estava perdendo?

	nunca	sim, menos da metade	sim, a maior parte
--	--------------	-----------------------------	---------------------------

		das vezes que eu perdi	do tempo
Na vida			
Últimos 12 meses			

18. Você sente que já teve alguma vez problema com jogo?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

19. Você alguma vez jogou mais do que planejou?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

20. Pessoas já criticaram o fato de você jogar?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

21. Você já se sentiu culpado pela maneira como joga ou pelo o que acontece com você quando joga?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

22. Você já sentiu que gostaria de parar de jogar mas pensou que não conseguiria fazê-lo?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

23. Você alguma vez já escondeu papéis de apostas, tickets de loteria, dinheiro de jogo ou outro sinal de jogo de sua/seu companheira(o), filhos ou outras pessoas importantes na sua vida?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

24. Você já discutiu com pessoas com quem você mora por causa da maneira como você lida com dinheiro?

	Sim	Não
Na vida		

Últimos 12 meses		
------------------	--	--

25.(se você respondeu sim para a questão 24):

Alguma vez a discussão sobre dinheiro estava centrada no seu hábito de jogar?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

26. Alguma vez você pediu dinheiro emprestado e não pagou por causa do jogo?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

27. Você alguma vez já perdeu tempo de trabalho (ou escola) por causa do jogo?

	Sim	Não
Na vida		
Últimos 12 meses		

28. Se você pediu dinheiro emprestado para jogar ou para pagar dívidas, de quem ou de onde você tomou emprestado? (marque sim ou não para cada ítem)

	Na Vida		Últimos 12 meses	
	Sim	Não	Sim	Não
a. de dinheiro reservado para as despesas da casa				
b. de sua esposa/marido/companheiro(a)				
c. de outros parentes				
d. de bancos, companhias de empréstimo ou crédito				
e. de cartões de crédito				
f. de agiotas				
g. você vendeu ações, obrigações ou outros papéis				
h. você vendeu propriedades pessoais ou familiares				
i. você passou cheques descobertos ou sem fundos				
j. você tem ou teve crédito com agente de apostas				
k. você teve crédito em cassino				